

HISTÓRIAS DE VIDA, GÊNERO E DIVERSIDADES

QUESTÕES DE GÊNERO E IDENTIDADE DOCENTE: REPRESENTAÇÕES DA MULHER PROFESSORA

Raquel Lima Besnosik

UNEB

rbesnosik@uneb.br

Elizeu Clementino de Souza

UNEB

esclementino@uol.com.br

Resumo

Este texto é um recorte da minha pesquisa de doutorado, vinculada à linha de pesquisa “Educação, Práxis Pedagógica e Formação do Educador” do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC) e ao Grupo de Pesquisa “Autobiografia, Formação e História Oral” (Grafho), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Meu estudo buscou investigar concepções de feminilidades de professoras da Educação Básica da rede pública da cidade de Barreiras-BA na construção de suas identidades femininas e, consequentemente, os efeitos em suas práticas profissionais. É uma pesquisa de abordagem qualitativa, com o suporte metodológico da (auto)biografia, que possibilita a ativação de lembranças e de experiências do indivíduo, levando-o a questionamentos e reflexões sobre circunstâncias de sua vida pessoal e social. A subjetividade feminina, de acordo com Neri (2005), sofreu os impactos de uma dupla imagem da mulher: como um ser frágil e passivo e, ao mesmo tempo, degenerado e perigoso para a ordem social. O adestramento do corpo e da sexualidade funcionou para disciplinar os impulsos diminuindo riscos de degeneração e maximizando sua potência geradora. Muitas vezes, a mulher é levada a representar-se com as expressões que a sociedade lhe apresenta. Essas expressões culturais reverberaram no âmbito profissional, com a feminização de algumas ocupações, mesmo quando desempenhada por homens. Isso confere algumas características particulares a essas profissões e cria expectativas em torno de como o profissional deve se comportar. Por isso, a ocupação das salas de aula pelas mulheres veio acompanhada da exigência de um modo adequado de se portar e se comportar. Gestos e olhares contidos, uniformes sóbrios que escondiam os corpos das docentes, pontualidade, assiduidade e ordem faziam parte de um “jeito de professora” que deveria ser seguido. Para muitas moças, o magistério passou a ser uma alternativa mais viável do que o

casamento. Então, a professora passou a estar associada à imagem da mulher pouco graciosa ou da solteirona. De acordo com Louro (2001), isso influencia nas representações sociais de mulher e mulher professora. Essas representações também constroem professoras. Elas dão sentido e significado ao ser professora e, conseqüentemente, interferem também na imagem que a mulher e a mulher professora têm de si mesma. Ela acaba se definindo em consonância com tais representações. Essa representação de professora solteirona ajudou a justificar a entrega das mulheres à atividade docente, reforçado o caráter de doação e, de certa forma, de “desprofissionalização” da atividade. A boa professora não se preocupava tanto com seu salário, faz seu trabalho por amor, para formar seus alunos. Vivendo um tanto à sombra de seus alunos, deixava de viver a própria vida e esquece de si mesma. Seus deveres e sacrifícios se aproximavam bastante da imagem religiosa, o que ajudou a imprimir na profissão essa marca de abnegação e despojamento. Essas são características também facilmente atribuídas à maternidade, evidenciando o trabalho da professora como uma extensão do seu trabalho no lar. Hooks (2000) comenta que a anulação do corpo e a entrega integral às questões da mente parece muito natural quando se entra na sala de aula. Somente depois da aula, em algum lugar privado, paixões e sentimentos podem ser recuperados depois de terem sido reprimidos e negados. Por isso, Scott (1990) aborda o conceito de gênero dentro de uma perspectiva sócio histórica. O conceito é, ao mesmo tempo, um instrumento analítico e político. O caráter social das masculinidades e feminilidades leva em consideração o contexto histórico e os diversos grupos étnicos, religiosos, raciais que permeiam esse contexto. As representações das masculinidades e das feminilidades são construções culturais e históricas e expressam as relações subjetivas de poder, criando variados estereótipos sobre homens e mulheres. É importante observar os significados femininos atribuídos às atividades docentes, mesmo quando desempenhadas por homens. Os significados femininos e masculinos permeiam as relações de gênero entre professores e alunos no contexto escolar e até mesmo no sindicato da categoria docente. Isso leva Louro (1997), por sua vez, a considerar a identidade de gênero como algo plural, mutante e até mesmo contraditório. Instituições e práticas sociais são compostas pelos gêneros e também os constituem. Os indivíduos são feitos dessas mesmas práticas e instituições. A escola, como instituição social, não apenas transmite ou constrói conhecimentos, ela fabrica sujeitos e produz identidades étnicas, de gênero, de classes através de relações de desigualdade. Ela perpetua uma noção de sociedade dividida, ainda que sem o nosso conhecimento. Os discursos sociais regulam, normatizam, produzem saberes e crenças a partir da cultura e definem identidades sociais. Compreendendo como as estruturas de poder permeiam a construção das identidades,

Butler (2019) diz que se alguém se afirma uma mulher, com certeza isso não é realmente tudo o que essa pessoa é. Aceitar o sexo como algo natural e o gênero como algo construído culturalmente significaria aceitar que o gênero expressa quem o sujeito realmente é. A autora afirma que não há uma identidade de gênero que dê origem a essas expressões; essa identidade é performativamente construída. Permeiam esse conceito questões étnicas, sexuais, sócio históricas relacionadas às identidades discursivamente construídas. A ideia de gênero não pode ser desassociada da conjuntura política e cultural em que ela está inserida. As subjetividades de homens e mulheres vêm sendo construídas historicamente. As noções de masculino e feminino, sexualidade, gênero são construídas quase inconscientemente no espaço público. São repetidos como se fossem normas e padrões, mas não são absolutos. As práticas sociais são construídas no interior desses discursos e, da mesma forma, as transformações das representações que são atribuídas a homens e mulheres também acontecem nesse mesmo espaço. A busca por autonomia exige uma reavaliação e um resgate do que foi negligenciado ou reprimido. Nesse processo, é importante o reconhecimento e a ressignificação de sua própria história, de seu corpo e de suas relações.

Palavras-chave: Feminilidades; Representações; Mulher professora

Referências

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. 18ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

HOOKS, B. Eros, erotismo e o processo pedagógico. In: LOURO, G. L. (org.) **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, M. (org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001.

NERI, R. **A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**. Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul/dez 1990. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/Gênero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 26 jul 2019.